



## **Caminhadas e Travessias de um Boi-Tolo: Espaços Ordinários de Trânsito, Lugares Apoteóticos de Transe para o Carnaval de Rua do Rio de Janeiro**

Cássio Lopes da Cruz Novo <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Anualmente, as ruas da Cidade Maravilhosa se inundam de moradores, turistas, visitantes, brincantes e caminhantes foliões. O carnaval de rua do Rio de Janeiro permite - ou impõe - que as vias e espaços públicos da *pólis* transbordem de pessoas, fantasias e sons. Pessoas as quais, muitas vezes nos demais dias do ano, vivenciam rotinas laborativas, familiares e de relação com a cidade sem grandes rupturas, aventuras ou transgressões. No período momesco, a ideia convencional - e praticada - sobre o(s) sentido(s) de festejar carnaval na rua oferece(m) um conjunto de possibilidades para que esses sujeitosousem escolher novas possibilidades de se (tra)vestir, de fluir pela cidade e transgredir limites no campo da materialidade, das identidades, do simbólico ou, até mesmo, de suas existências corporificadas. O carnaval de rua carioca emerge como encruzilhada existencial e geográfica para quem se lança no mundo carnavalesco e encontra, na festa, frestas para experienciar modos-outros de ser-e-estar-no-mundo. Aninhado em abordagem humanista cultural da ciência geográfica, desenvolvido a partir de trabalho de campo posicionado e situacionalizado em arremetida fenomenológica, este estudo ilumina o apoteótico momento em que desfilantes do cortejo do Boi Tolo atravessam os túneis Novo e do Leme, almejando interpretar alguns dos sentidos e significados emergentes durante a travessia. Sugere que as experiências vividas individual e intersubjetivamente, no contexto exusíaco dos encontros coletivos no interior das vias escavadas nas rochas, são vividas e praticadas como terreiros, encantando os túneis como lugar festivo carnavalesco e transformando os seres que os atravessam em seres supraviventes.

**Palavras-chave:** Cortejo do Boi Tolo, Carnaval de Rua, Carnaval de Rua Carioca, Lugar Carnavalesco, Túneis.

### **ABSTRACT**

Every year, the streets of the “Marvelous City” flood with residents, tourists, visitors and revelers. The street carnival in Rio de Janeiro allows - or imposes - that the streets and public spaces of the polis overflow with people, fantasies and sounds. People who oftently, experience work, family and relationship routines with the city without major disruptions, adventures or transgressions. In the carnival period, the agreed - and practiced - idea about the meaning(s) of celebrating on the street offers a set of possibilities for these subjects to dare to choose new possibilities to dress, to flow through the city and transgressing limits in the field of materiality, identities, the symbolic or even their embodied existence. The carioca street carnival emerges as an existential and geographical crossroads for those who launch themselves in the carnival world and find gaps in the party to experience other ways of being-in-the-world. Nestled in a cultural humanist approach to geographic science, developed from fieldwork positioned and

<sup>1</sup> Doutor em Geografia Humana e professor de Ensino de Geografia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – Faced/UFJF, [cassiolcnovo@gmail.com](mailto:cassiolcnovo@gmail.com);



situationalized in a phenomenological rush, this study illuminates the apothotic moment when paraders from the Boi Tolo cross the Novo and Leme tunnels, aiming to interpret some of the meanings emerging during the crossing. It suggests that the experiences lived individually and intersubjectively, in the exusiac context of collective encounters inside the paths excavated in the rocks, are lived and practiced as terreiros, enchanting the tunnels as a festive carnival place and transforming the human beings that cross them into above living beings.

**Palabras clave:** Cortejo do Boi Tolo, Street Carnival, Rio de Janeiro Street Carnival, Carnival Place, Tunnels.

## INTRODUÇÃO

Anualmente, excetuando-se extemporaneidades pandêmicas, as ruas da Cidade do Rio de Janeiro são inundadas por moradores, turistas, visitantes, brincantes, festejantes e caminhantes foliões. O carnaval de rua da Cidade Maravilhosa permite - ou impõe - que as vias e espaços públicos da *pólis* transbordem de pessoas, fantasias, músicas e sonoridades as mais diversas. Pessoas as quais, muitas vezes nos demais dias do ano, vivenciam suas rotinas laborativas, familiares e de relação com a cidade sem grandes rupturas, aventuras ou transgressões se tornam disponíveis a vivenciar outros espaços da cidade que habitam. Assumindo novas identidades e se disponibilizando para experimentar sociabilidades distintas das usuais.

Isso ocorre, pois, no período momesco, a ideia convencionalizada - e praticada - sobre o(s) sentido(s) de festejar carnaval na rua, oferece um conjunto de possibilidades para que esses sujeitos ousem escolher novas possibilidades de se (tra)vestir, de fluir pela cidade e transgredir limites no campo da materialidade, das identidades, do simbólico ou, até mesmo, de suas subjetividades e existências corporificadas. Desse modo, o carnaval de rua carioca emerge como encruzilhada existencial e geográfica para quem se lança no mundo carnavalesco. E encontra, na festa, frestas para experienciar *modos-outros* de ser-e-estar-no-mundo (NOVO, 2019a). Foliões que sobrevivem à espera entre um carnaval e outro possuem modos os mais variados de carnavalizar a si próprios e à cidade.

Dentre extensa gama de possibilidades de inquirir esses indivíduos de modo a conhecer e/ou interpretar os sentidos e significados de suas experiências, elenco o cortejo do Boi Tolo para estudo. E destaque, com especial atenção e interesse, folião e



pesquisador, o *momento oportuno* em que a boiada<sup>2</sup> se aproxima e atravessa os túneis que conectam a praia de Botafogo com a de Copacabana, a Baía de Guanabara com a *Princesinha do Mar*. O *acontecimento* da travessia me instiga. Intriga. Para estes participantes, incluindo a mim neste agrupamento, sua existência parece estar, de algum modo, associada com os *acontecimentos e travessias* (BONDÍA, 2002; RUFINO e SIMAS, 2018) suficientemente capazes de lhes *afetar* (FAVREET-SAADA, 2005) durante as muitas horas de caminhadas superando dezenas de quilômetros pelos espaços da cidade.

É sobre alguns dos sentidos e significados dessas caminhadas e travessias que me ocupo em refletir ao longo deste artigo. Como é possível que esses espaços ordinários de trânsito na cidade sejam imaginados (LOWENTHAL, 1982), desejados, buscados, atravessados, vividos, significados e narrados como lugares apoteóticos para os participantes, caminhantes em transe, do Boi Tolo? Como é possível passarem de espaços de opacidade para lugares de refulgente luminosidade e resplandecentes vivências no contexto têmporo-espacial do carnaval de rua do Rio de Janeiro?

Na primeira seção do artigo procuro reunir o Boi, boiadas e foliões nas *encruzilhadas* materiais, simbólicas, metafóricas e existenciais relacionadas com o ato de caminhar no contexto têmporo-espacial do carnaval de rua. Na seção seguinte, ambiciono apresentar algumas linhas pelas quais estudos sobre fluxos pelo espaço se desdobram para, então dobrá-las, em ondas (sonoras), serpenteando por modos-outros de ver-viver-sentir e etnogeografar a experiência carnavalesca. E, em apoteose, encaminhar a dispersão do cortejo de ideias e passos do Boi Tolo e seus foliões na seção derradeira na qual clareio o encantamento da travessia no interior dos túneis a partir da perspectiva (ontológica) do lugar carnavalesco e festivo.

Para tal empreitada invisto, no percurso teórico repercutido neste estudo, em abordagens valorativas do ver-sentir-escutar fenômenos que se presentificam no espaço e tempo extraordinário do festejar. Nesses compassos, sigo as trilhas sonoras entreouvidas e sentidas no campo para arremeter pelas veredas da perspectiva humanista cultural da geografia. Ao desfilar com os demais participantes da boiada, ouvindo-os, escutando o campo e, intencionalmente, abrindo-me à experiência de ser

---

<sup>2</sup> O cortejo do Boi Tolo parte de diferentes localidades e se divide em ramificações denominadas “saídas” ou “boiadas”. Tendo o Centro do Rio como pólo convergente, essa estratégia é efetivada para conferir maior fluidez ao cortejo, oferecer maior conforto para os desfilantes e, concomitantemente, para dirimir ou evitar controle ou repressão pelos agentes do poder público.



afetado pelo fenômeno em curso no presente de então, aciono modos geográficos de existir enquanto participante do Boi Tolo e de interpretar algumas das relações que os indivíduos criam e vivenciam, sonora e ritmicamente, com o espaço.

Esta pesquisa inclui o aporte de pensamentos e modos de fazer ciência, mais sensivelmente vinculados, às geografias culturais emergentes e à confluência de perspectivas da geografia das emoções, das imaginações geográficas e dos estudos que se ocupam da corporeidade em torno – e em marcha – a uma geografia implicada aos movimentos e sentimentos dos sujeitos no espaço. Atenta e sensível aos modos como se relacionam entre si e com os espaços e lugares de suas trajetórias espaciais e existenciais.

## **METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO**

Sou pesquisador e estou caminhando, no dia 23 de fevereiro de 2020, em uma das boiadas do cortejo. Intencionalmente, no presente de então, me volto ao fenômeno presentificado diante e em torno do folião que sou. E do folião que estou enquanto me lanço ao ato de caminhar. Ao meu redor, em relação comigo, com os espaços e lugares da cidade, com os demais desfilantes, encontro seres sobreviventes, participantes do cortejo, indivíduos que alcançam os túneis em aparente estados de exaustão, estafa, êxtase, alegria, júbilo. Muitos Cansados. Outros extenuados. Todas e todos suados. Muitas das fantasias em frangalhos. Os pés, calejados.

Não obstante, ao se aproximarem dos espaços circulares cujo confinamento se apresenta como inexorável e inescapável realidade para a turba que avança conforme toca, canta e marcha, noto que aqueles e aquelas ao meu redor se tornam seres supraviventes: foliões prestes a cantar mais alto, reanimar seus corpos e *encantar* o túnel. Por que isso acontece? Como isso é possível? De que maneira isso me afeta, afeta aos demais e afeta o próprio cortejo, a cidade e o carnaval de rua carioca?

Certamente não será possível, neste artigo, investir na perseguição das respostas a todos os questionamentos acima levantados. Ainda assim, como as músicas e fanfarras dos artistas, eles me atraem para a inquirição do fenômeno e me conduzem para outras reflexões. Algumas adquirem centralidade: como é possível *estar* em campo, imerso e envolto pelo fenômeno para o qual me volto, intencionalmente, para investiga-lo, *sendo*



parte da *communitas* festiva e, ainda assim, preservando a curiosidade, a disciplina e a diligência científicas necessárias para empreender uma pesquisa?

A cada ano, o percurso do Boi Tolo vai sendo negociado pelo conjunto de seus participantes conforme o ajuntamento de foliões avança pela cidade. Participantes os quais, no ordinário cotidiano da vida, se apresentam como seres viventes (RUFINO e SIMAS, 2018), que tomam os túneis como espaços por onde fluem automóveis, motocicletas. E onde imperam sensações e percepções relacionadas com a fuligem; fumaça; escuridão. Durante os dias e noites de folia, entretanto, os túneis reluzem de brilhos e reverberam sonoridades variadas.

Meus primeiros passos partem junto com a Boiada. Disparados do próprio fenômeno, para o qual me volto. E, nesse sentido, invisto em arremetidas fenomenológicas permissivas ao desdobramento de uma etnogeografia do *acontecimento* espacializado, situando-me e posicionando-me, enquanto sujeito consciente de mim próprio em relação ao fenômeno, ao campo (empírico e dos estudos humanistas culturais em geografia), como *Dasein*. (HOLZER, 2016; HEIDEGGER, 2017).

Em outras palavras, assumo-me como o *ser-aí-no-mundo* das pesquisas que pesquiso, ontologicamente implicado com o (devir do) conhecer e (d) o fazer científico, realizando e assumindo que *sou* o centro da (minha) própria compreensão de *ser* enquanto me volto, intencionalmente, ao que me desperta curiosidades, interesses e inquietudes pessoais, carnavalescas e acadêmicas. Também assumo *estar* no centro de minhas *encruzilhadas* e *rolês* epistemológicos. Nessas movências epistemológicas, assumo a incorporação do *ser-pesquisador cambono* (RUFINO e SIMAS, 2018), o sujeito que vive intensamente a experiência do festejar.

Na medida do que me é permitido e possível, busco me disponibilizar para ver, sentir e registrar com o corpo todo (MERLEAU-PONTY, 2015), *aquilo* que (me) acontece nas intercorrências das experiências festivas assim como da efervescência coletiva oportunizada pelos encontros carnavalescos e pela dramaturgia caminhante observada e sentida (SANTA BRÍGIDA, 2006) no espaço-tempo dedicado ao tríduo momesco. Assumir a riqueza implícita nas intercorrências, circunstancialidades e situacionalidades oportuniza entender o espaço – e tudo aquilo que ele contém/apresenta – como (sistema de) objeto(s) a ser(em) apreendido(s) por nosso intelecto e vivido em nossa carnalidade (MERLEAU-PONTY, 2007). E, por conseguinte, a ser organizado,



ordenado e normatizado pelo exercício de nosso labor intelectual e físico. Este modo de compreender o *ser* no mundo evidencia o projeto em curso da modernidade (HOLZER, 2011; 2016; CARERI, 2015; 2017; CERBONE, 2013)

As abordagens metodológicas, associadas aos procedimentos e métodos para pesquisar, são tomados e utilizados como recursos capazes de identificar, apresentar e interpretar práticas e dinâmicas do festejar no espaço geográfico, de modo a fornecer inteligibilidade sobre elas. Almejo contribuir com meus próprios passos – mais alguns, dentre tantos, caminhados no *caminhar* deste estudo – aos caminhos metodológicos para as pesquisas enfocando fenômenos ativados e vividos em campo, elementos fundamentais para/das/nas investigações geográficas, especialmente aquelas efetuadas no âmbito de abordagens humanistas culturais do espaço, constituintes do rico temário relativo às festas e às culturas populares vividas e significadas nas ruas.

A *presença* em campo, (pró)ativa e consciente (dos desafios, riscos e possibilidades de investigação científica do fenômeno no transcurso de seus desdobramentos) é vivida e entendida como condição essencial em pesquisas desdobradas e cerzidas a partir dos fundamentos aqui sinalizados. O fenômeno nos é apresentado como *aparição* real. E, desse modo, nos afeta e nos instiga a agir e reagir diante de sua presentificação (CERBONE, 2013). Ancorado na abordagem fenomenológica, esta opção não apenas é possível, como, acredito, necessária. Pois,

se é assim, então os fenômenos sobre os quais a consciência consiste não admitem a distinção *é/parece*. Não há para a aparição senão seu aparecer do modo que é; não existe uma maneira pela qual ela possa estar realmente em contraste com o modo pelo qual aparece (CERBONE, 2013, p. 37).

Pelos pensamentos acima desfiados, as boiadas, foliões e o próprio cortejo do Boi Tolo, emergem como entidades de um Rio (de Janeiro) que flui pelos corpos, histórias espaciais e geograficidades (DARDEL, 2011) de seus habitantes, turistas e visitantes no contexto têmporo-espacial do carnaval. O espaço público, suas ruas, esquinas, passarelas, avenidas, túneis e demais equipamentos urbanos são tomados, vividos e transformados em simbólicos lugares festivos e carnavalescos (FERREIRA, 2005).

Em complemento, essa pesquisa também aciona atividades laborativas relacionadas ao inventário, estudo e posterior enlace de produções bibliográficas pertinentes aos temas aqui elencados e vividos, entre passos e compassos, no campo.





Incorpora, ainda, diálogos e debates com especialistas nos temas referentes às carnavaledades e culturas populares ocorridos no âmbito de grupos de pesquisas e de eventos acadêmicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhando os pensamentos de Carvalho (2004) reitero que a expansão do uso e ocupação do solo citadino ensejam a necessidade da construção de obras de engenharias, em especial os túneis, de sorte que seja possível conectar diversas localidades da cidade. Além disso, essas soluções permitiram a incorporação de áreas periféricas, anteriormente isoladas. Segundo Bernardes (1990, p. 21);

longe de apresentar nos anos recentes um crescimento em faixas periféricas, à maneira das principais metrópoles, o Rio é uma cidade que cresceu em pontas, aumentando consideravelmente as distâncias do centro. Daí a necessidade de freqüentes retomadas de crescimento no núcleo primitivo, onde os morros vão sendo arrasados, o mar aterrado e a montanha perfurada para se diminuïrem as distâncias.

Em uma cidade cujos terrenos alagadiços foram aterrados e os rios canalizados, os morros que a singularizam também sofreram intervenções de técnicas e engenharias humanas. Pelo interior de túneis criados para perfurar o maciço rochoso confluem fluxos distintos, dentre os quais, uma enxurrada de pessoas no *balé do lugar* cotidiano (SEAMON, 2013). Não obstante, no extraordinário período do ano denominado carnaval (MELLO, 200; 2011), a passagem de pessoas pelos túneis segue ocorrendo. Ainda que, nesse específico período, seja vivida e significada de diferentes maneiras pelos seus transeuntes foliões.

A importância de alguns desses túneis para a existência, permanência e otimização dos fluxos dos rotineiros deslocamentos intra-urbanos contrasta com a difícil - e nada habitual - vinculação topoflica dos habitantes e visitantes com esses importantes fixos da urbe. Ainda assim, constituem-se como fixos da cidade que permitem sua integração. Do mesmo modo, favorecem e dinamizam a circulação de pessoas, mercadorias, objetos e ações, acelerando e promovendo trocas e mobilidades pela malha territorial urbana (CARVALHO, 2004).

Entre pausas e movimentos, ilumino, por intermédio dessa pesquisa, as dinâmicas festivas e carnavalescas ocorrentes em túneis localizados na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. O chamado Túnel Novo, na realidade, um conjunto



de dois túneis construídos sob o morro da Babilônia, localizado entre os bairros de Botafogo e de Copacabana, construído em duas galerias criadas em períodos distintos. Já o Túnel Engenheiro Coelho Cintra, inaugurado como Túnel Carioca, popularmente conhecido como Túnel do Leme, também integra o conjunto espacial sob investigação.

O início do século passado foi especialmente dinâmico para as transformações espaciais e sociais da metrópole carioca. No transcurso das radicais mudanças implementadas pelo governo de Pereira Passos (1902 – 1906), o aforseamento da *pólis* efetivou-se na busca por uma adequação das formas e funções urbanas aos novos desejos e necessidades da sociedade da época. Naquele contexto, o conjunto de reformas da Prefeitura, nominadas popularmente como “bota abaixo”, empreenderam profundas transformações em curto período de tempo na fisionomia da cidade.

Segundo Carvalho (2004, p. 12-13)

rápido crescimento da cidade em direção à Zonal Sul em decorrência, dentre outros aspectos, do aparecimento do automóvel como novo meio de transporte e da eletrificação do bonde, face à importância que o Rio de Janeiro adquiria no cenário internacional. Os bairros de Copacabana e Ipanema ainda pouco habitados (...) a expansão e a acessibilidade da Zona Sul tinham pressa. Especialmente, a história da integração de Copacabana ao espaço urbano carioca, propriamente dito, ganhou avanço graças à intimação promovida pelo poder público, apresentada à Companhia de bondes do Jardim Botânico para acelerar a obra de perfuração do Túnel do Leme primeiramente contando com a galeria Coelho Cintra.

No dia 4 de março de 1906 é inaugurado o Túnel Novo. A primeira galeria do Túnel do Leme foi batizada como Túnel Engenheiro José Cupertino Coelho Cintra, homenageando o gerente da Companhia de Bondes do Jardim Botânico. As escavações na rocha vieram a consolidar a ocupação de Copacabana, “propiciando a sua incorporação, definitiva, à malha urbana carioca” (CARVALHO, 2004, p. 13). Atualmente, o Túnel Coelho Cintra apresenta quatro faixas de rolamento. E cumpre a função de ligar a Avenida Princesa Isabel, em Copacabana, à Avenida Lauro Sodré, em Botafogo.

Já o projeto da segunda galeria do Túnel do Leme efetivou-se três décadas após a inauguração da primeira. E sua construção deveu-se aos crescentes e rotineiros congestionamentos de tráfego (REIS, 1977). Inaugurada em 1943, recebeu o nome de João Gaulberto Marques Porto, engenheiro responsável pelas obras de duplicação e





alargamento do túnel (CARVALHO, 2004). Uma das funções primordiais dos túneis é viabilizar fluxos variados, cooperando para a fluidez do trânsito e, ainda, para o dinamismo de outros fluxos decorrentes dos deslocamentos de pessoas e mercadorias que se movimentam a partir de veículos automotores no interior das galerias construídas para tal feito. Pelos túneis, confluem fluxos de pessoas, idéias, bens, serviços informações, capitais e toda sorte de materialidades necessárias para o funcionamento de uma grande cidade.

Analisados em relação com as demais vias de transporte túneis promovem e viabilizam fluxos capazes de se inserir – e extrapolar – múltiplas escalas. Os elementos transportados no interior dessas construções variam vinculam-se às dinâmicas e vivências do local para o global (RUA, 1998). E, no caso de uma cidade cosmopolita como a do Rio de Janeiro, contribui para a continuidade dos processos de expansão da malha urbana e das dinâmicas citadinas. Em tempos de globalização e da velocidade (VIRILIO, 1984), os túneis intensificam a integração com circuitos externos excedendo à dimensão clássica de território, o que culmina com uma aceleração, ainda maior, dos fluxos de pessoas, capitais, mercadorias e informação.

Apesar das vantagens e oportunidades oferecidas pelos túneis em termos dos deslocamentos que permitem ser efetivados, encurtando distâncias e otimizando tempo, sensações e significações que recebem dos sujeitos que os atravessam em suas rotinas cotidianas nem sempre são valoradas de maneira positiva. Viver na *pólis* carioca e conviver com os deslocamentos recorrentes pelo interior desses túneis possibilita notar como os corpos reagem quando *estão* em seu interior. Notados, percebidos, por quem deseja interpretar os modos como indivíduos estabelecem suas complexas relações com o espaço geográfico, os comportamentos desses corpos, assim como as emoções desses sujeitos, se habilitam a serem identificados, adivinhados (GEERTZ, 2004), decifrados, interpretados, em relação às sensações e afetações que o confinamento provisório de sua travessia lhes provoca.

As percepções e registros das dinâmicas cotidianas acima sinalizadas contrastam com as atividades festivas que modificam sociabilidades, espacialidades e lugaridades citadinas. No curso das transmutações que aformoseiam a cidade, indago: no período do ano dedicado aos ritos carnavalescos, período no qual ideias, valores, normas e comportamentos são tensionados, disputados e (re)significados para serem vividos de outras maneiras (FERREIRA, 2005; NOVO, 2014; 2019b), é possível que os espaços



opacos de túneis sejam desejados, vivenciados e experimentados como momentos luminosos e memoráveis por foliões e foliãs?

O percurso pelo qual invisto para considerar essa interrogação encontra trajetórias espaciais semiografadas pelos desfilantes do Cordão do Boi Tolo. Este bloco *não-oficial* do carnaval de rua carioca, dissidente do tradicional Cordão do Boitatá, possui a itinerância como característica distintiva, deslocando-se pelos espaços citadinos sem que exista uma prévia definição dos rumos ou roteiros a seguir. Os participantes promovem deambulações que se desdobram em muitas horas e muitos quilômetros no decorrer de um dia (eventualmente até superando a marca de vinte e quatro horas).

Enquanto o Boitatá, bloco *máter*, se apresenta, estacionado, em um palco no Paço Imperial, contando com músicos apresentando-se com seus instrumentos microfonados, o Boi Tolo realiza cortejos pelas ruas, avenidas, vielas e túneis da cidade, dedicando especial atenção e presença às regiões central e sul da metrópole carioca (BARATA; GONZAGA, 2021). O cortejo conta com músicos performando e se movendo pelo solo, acompanhados por uma legião de pés e pernas que se movem em torno do cordão que isola - nem sempre - os músicos dos demais participantes. A alternância de pisos – asfalto, cimento, calçadas de pedras portuguesas, gramados, oferece um mosaico terreno pelo qual a boiada se desloca enquanto perfaz suas trajetórias espaciais.

O Boi Tolo conta, canta e encanta seus próprios foliões e inúmeros admiradores com os quais encontram na cidade convulsionada pelos festejos. Milhares de vozes entoam, em uníssono, eventualmente em notável descompasso, marchinhas, gritos de guerra e sambas os quais, muitas vezes, são mais sentidos que ouvidos. É preciso, portanto, apurar os ouvidos. Escutar atentamente. Saber ler lábios. Ou reconhecer fragmentos musicais e sonoridades para quem está distante do cerne do bloco, onde estão os músicos, pernaltas, e aqueles e aquelas que ajudam, de braços dados, a isolar os “artistas” dos demais foliões. Espacialidades, lugaridades e territorialidades são acionadas, vividas, disputadas, celebradas, significadas, percebidas, ignoradas e difundidas por intermédio dos corpos que ali, no presente de então, se encontram para festejar.

Desfilando como ourives da alegria festiva, os caminhantes reunidos em suas boiadas percorrem a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Engastada, como uma joia, entre a imensidão Atlântica e a monumentalidade das montanhas, ela precisou



inventar meios para superar os aparentes limites impostos pela natureza de maneira a consolidar seu sítio urbano. E, por conseguinte, empreender seu espraiamento horizontal e sua expansão em diversas escalas. Os túneis, conforme mencionado anteriormente, cumprem esse papel.

Enquanto caminho, guiado pelas trilhas sonoras e teóricas, entendo a travessia do túnel pelos aportes da geografia humanista em arremetida fenomenológica. E assumo, teoricamente, a perspectiva experiencial do lugar festivo como modo de viver e investigar o fenômeno. Corpos, ritmos e sonoridades, desse modo, tornam-se constituintes de espacialidades e lugaridades. E a paisagem, fenomenologicamente, um convite para os desfilantes experimentarem o sensível do mundo (BESSE, 2014) enquanto percorrem o interior dos túneis como uma maneira de superarem suas condições de seres viventes para se tornarem seres supraviventes no contexto extraordinário do carnaval de rua carioca.

A mobilidade na urbe carioca, acompanhando os movimentos da própria cidade pelo tempo, assim como as transformações da intensidade dos fluxos ativados em seu espaço, é dependente dos túneis dispersos por sua malha territorial. Cada obra da engenharia retém consigo a história do uso e ocupação do solo urbano. Nesse sentido, os túneis se apresentam como fixos coletores e difusores de fluxos variados, verdadeiros elos de integração e conexão entre áreas e pessoas da cidade. E, ainda, de distintas temporalidades e espacialidades (CARVALHO, 2004).

Contudo, por ocasião do cortejo do Boi Tolo, a própria forma tubular que os referidos túneis apresentam afina a turba que se esmaga. Apinhamento. Suor. Umidade. Telúrico encontro. Lugar-terreiro praticado como modo de reexistir e ganhar sobre-vida no carnaval. Encontro com o extraordinário. O túnel é transformado. É apoteótico, sublime. É um esforço hercúleo e um acontecimento exusíaco (RUFINO e SIMAS, 2018) que me causam alumbramento pessoal e inquietude intelectual.

Caminhando, os corpos fantasiados tornam espaços opacos e nebulosos dos túneis em lugares cuja atmosfera conclama os corpos ali reunidos à *exusíaca* e orgíaca catarse coletiva. As luzes dispostas no seu interior, ordinariamente ignoradas, ou percebidas, inconscientemente, pela visão como acessórias para favorecer a vista no turvo interior de artificial confinamento cotidiano, se mesclam aos *flashes* de celulares e câmeras fotográficas, fogos de artifício, reflexos de lantejoulas, paetês, parcelas de epiderme revestidas de *glitter*, purpurina e outros materiais constitutivos de fantasias



que vestem – e *encarnam* – personagens momescos no transcurso de suas *travessias* (BONDÍA, 2002).

*Travessias*, nesses casos, vividas como experiências embaladas, envoltas e atravessadas por músicas e sonoridades em relação aos deslocamentos físicos e emocionais que ensejam. Instrumentos, marchinhas carnavalescas, músicos, musicalidades, sons e efusivas algazarras fornecem *trilhas sonoras* para os seres viventes sobreviventes os quais, ao se disponibilizarem para viver essa experiência festiva, escutam-nos, reverberados, amplificados, atravessados e abafados pelas superfícies que os separam da rocha crua. Nesse caso, acrescidos ao virtuoso dom e singular habilidade do “olhar geográfico”, são necessários os demais sentidos dispersos pelo corpo todo. Assim como a intencionalidade para se deixar afetar, escutar e ver geografias envolvidas por ritmos e gingas. Também se faz necessária certa sensibilidade de reconhecer outras gramáticas; musicais, sensoriais, sinestésicas, sonoras, corporais, como constituintes do espaço geográfico e da elaborada trama de sentidos que vão sendo tecidos conforme as manifestações artísticas criam, transformam e ressignificam espaços, lugares e paisagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo reflete as ambições da pesquisa que almeja contribuir para avanços da ciência geográfica na contemporaneidade em um necessário processo de reconfiguração de seus temários, metodologias e interesses científicos. Acompanhar os passos de foliões reunidos em boiadas no Cordão do Boi Tolo, adotando a condição de folião-pesquisador, consiste em assumir, intencional e conscientemente, a função de contribuinte cívico e crítico para a reelaboração da geografia como campo do saber cotidiano. E em sua renovação enquanto disciplina científica.

Caminhar por espaços ordinários da cidade, como túneis escavados em seus morros, transformando-os em lugares simbólicos e carnavalescos, coopera para o encantamento da urbe no contexto espacial e temporal do carnaval. Interpretar geograficamente os sentidos e significados desses acontecimentos colabora com demais profissionais da Geografia – e de outros campos do saber – que atualmente investem na superação – quando não demolição – de regras, limites ou reduções pelas quais o espaço geográfico e as experiências que nele ocorrem podem ser vividos e estudados. Neste



primeiro quartel de século XXI o campo das humanidades floresce com a abertura para novos temas, sugerindo interstícios e ampliação de caminhos e de diálogos com outros saberes e manifestações artísticas (sempre no plural).

As reflexões e discussões aqui enredadas apontam para a luminosa e *glitterizada presença* dos foliões como condição de viabilidade e possibilidades para o *encantamento* dos túneis do Leme e do Pasmado no lugar festivo e carnavalesco, especialmente na temporalidade dedicada às *travessias*. Os encontros dos corpos no contexto do desfile são interpretados a partir do interesse renovado por promover reencontros entre ciência, emoção e sensibilidade. A *presença* de indivíduos conscientes de suas escolhas, enlaçados pelo compartilhamento de trajetórias espaciais confluentes no espaço-tempo a partir de suas corporeidades, assim como dos sentidos e significados de carnavalizar os espaços públicos da cidade e a si próprios, emerge como campo de possibilidades para que se tornem seres *supraviventes* no contexto têmico-espacial do carnaval de rua carioca.

A existência corporificada desses sujeitos cujos corpos em trânsito - e em transe - disparam em arremetida pelo interior de um túnel para, em apoteose, transformá-lo em lugar de sonhos (realizados), lugar carnavalesco da cidade e lugar de emergência de emoções e de construção de memórias afetivas, radiantes e memoráveis, aponta para horizontes nos quais imaginações e realizações geográficas do *ser-e-estar* no mundo são possibilitadas, mediadas, vividas e significadas por intermédio de ambiências, atmosferas musicais, sonoridades e pela ação de caminhar coletivamente enquanto se festeja e carnavaliza a vida e a própria cidade. Geografias existenciais, quer sejam as vividas no cotidiano, quer sejam aquelas experimentadas por ocasião do extraordinário da vida, se reaproximam da experiência de mundo, assim como se submetem aos convites para reviver encontros com o sensível e com a ontologia de nossa geograficidade.

No interior dos túneis, praticados como terreiros, o *acontecimento* oportuniza a transformação daqueles seres viventes em seres supraviventes, isto é, incorporados e animados com a potência de prosseguirem em suas andanças. A concretude da experiência individual ocorrente, COM-partilhada com os demais integrantes das boiadas, permite aos foliões ir além. Além do túnel, entretanto, não significa chegar ao final de seu espaço cilíndrico e confinado. Mas atravessá-lo multidimensionalmente. Atravessar o mundo vivido em festa. Encarnando, por ocasião dos trajetos vividos



enquanto *travessias*, mundos-outros possíveis nas circunstancialidades e nas intercorrências do *acontecer festivo* carnavalesco proporcionado por um Boi Tolo, suas boiadas e seus extenuados e radiantes caminhantes desfilantes em trânsito e em transe.

## REFERÊNCIAS

BARATA, L. C.; GONZAGA, F. L. dos S. A. "When in Rio" questões midiáticas de foliões cariocas. **Revista do Colóquio**, [S. l.], n. 18, p. 53–75, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/31969>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BERNARDES, Lysia M. C. Cidade e região / Lysia M. C. Bernardes, Maira Therezinha de Segadas Soares. **Rio de Janeiro**: Secr. Mun. Cultura: Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1990. 159 p.

BESSE, J. M. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira. Rio de Janeiro - uma cidade conectada por túneis. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos - Armazém de DADOS – **Coleção Estudos Cariocas**: 109 - <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>, 2004.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**, Cadernos de Campo, 13, 155-161, 2005.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais**: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Vortäge und Aufsätze. Segunda Reunião de Darmastad, Pfullingen, 1954. P. 1-12.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2017.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-153.





\_\_\_\_\_. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950 – 1990.** Londrina. Editora Eduel, 2016.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

MELLO, João Baptista Ferreira de Mello. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade: o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos.** Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista ACTA Geográfica,** Rio de Janeiro, n. 9, p. 7-14, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – 3ª tiragem. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

NOVO, Cássio Lopes da Cruz. Desfilar e peregrinar: pontos de aproximação e convergências entre blocos de rua e peregrinações pós-modernas. In: CARBALLO, Cristina; FLORES, Fabián. (Org.). **Territorios, fiestas y paisajes peregrinos.** Cartografías sociales de lo sagrado. 1ed. Buenos Aires: Imprenta Digital Editora, 2016, v. 1, p. 201-214.

NOVO, C. L. da C. **Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo.** Tese. (Doutorado em geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019a.

\_\_\_\_\_. Eventos geográficos festivos: a dimensão temporal nos enlaces de corpos com lugares (quase) sagrados. In: CARBALLO, Cristina T.; FLORES, Fabián C. (org.). **Geografías de lo sagrado en la contemporaneidad.** Buenos Aires: Bernal, 2019b. p. 21-52.

REIS, José de Oliveira. **O Rio de Janeiro e seus Prefeitos: Evolução Urbanística da Cidade.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977. 167 p

RUFINO L; SIMAS, L A. **Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SEAMON, D. Seamon. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças do lugar. **Geograficidade,** Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, inverno 2013.

SANTA BRÍGIDA, Miguel de. **O maior espetáculo da terra: o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro como cena contemporânea na Sapucaí.** 2006. 234 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Programa de PósGraduação, Universidade Federal da Bahia, [2006].